

a mulher esquecida  
katherine webb

Tradução de Jorge Colaço



*Como é dura a sorte das mulheres todas,  
Eternamente sujeitadas, eternamente confinadas,  
O pai controla-nos até sermos esposas,  
O marido escraviza-nos o resto das nossas vidas.*

(«The Ladies' Case», canção tradicional inglesa do século XVIII)

*O teu coração está atado a um outro,  
Bem apertado, como a árvore dos amantes;  
Ambos podem cair, mas não um, ou o outro;  
No meio dos dois não encontra lugar para mim.  
Deixa-me então ser como a aurora —  
E crescer em redor de vós ambos.*



**O** DIA EM QUE A CRIANÇA CHEGOU, VINDA DO PÂNTANO, FOI UM dia de frio mortal. Soprara uma nortada constante durante todo o dia, fazendo doer os ouvidos, o peito e os ossos; os pés descalços da criança faziam estalar a crosta de gelo sobre o solo cheio de água. Foi lentamente em direção à casa da quinta, indo de oeste, com o rio engrossado a deslizar silenciosamente a seu lado e o Sol baixo suspenso sobre o seu ombro, maligno e leitoso como um olho cego. Uma mulher ainda jovem deixou a casa da quinta e atravessou o pátio em direção ao galinheiro. A princípio, não viu a criança, ocupada a aconchegar o xaile sobre os ombros, e virou o rosto para o céu para ver a murmurante multidão de estorninhos que vinham empoleirar-se no castanheiro-da-índia. Os pássaros tagarelavam e guinchavam uns para os outros, modulando o voo como um único ser amorfo, como fumo, antes de desaparecerem como tal nos ramos despídos. A criança continuou a andar a direito e pelo portão para o interior do pátio. Vacilou quando a jovem reparou nela e a chamou — não ouvindo as palavras, apenas o som, que a sobressaltou. Parou e balançou-se sobre os pés. A casa da quinta era grande, feita de pedra clara. Das suas chaminés evolava-se fumo e, atrás das janelas do piso mais baixo, uma cálida luz amarela iluminava com o seu brilho o solo lamacento. Essa luz atraiu a criança irresistivelmente, como faria a uma traça. Significava calor, abrigo; a possibilidade de alimento. Com pequenos passos irregulares, continuou em direção a ela. O pátio subia ligeiramente a encosta na direção da casa e o esforço de subir fazia-a andar aos ziguezagues, tropeçando a torto e a direito. Estava tão perto, tão próxima de ser capaz de estender a mão e encharcá-la daquele resplendor dourado. Mas depois caiu, e não voltou a erguer-se. Ouviu a

mulher gritar com alarme, e sentiu-se manuseada, recolhida. A seguir, não sentiu mais nada durante algum tempo.

A CRIANÇA ACORDOU DEPOIS POR CAUSA DAS DORES NAS MÃOS E PÉS. O estranho calor do sangue causava-lhes comichão e sentia-os latejarem e formigarem de forma insuportável. Tentou agitar-se, mas estava segura com demasiada firmeza. Abriu os olhos. A jovem do pátio tinha-a agora no seu colo, embrulhada num cobertor. Ao lado delas, o lume crepitava numa lareira cavernosa. O calor e a luz eram assombrosos. Havia um teto com vigas sobre a sua cabeça e velas cintilantes numa prateleira próxima, e tudo parecia um outro mundo.

— Não podes estar a falar a sério com pô-la na rua... não com tanto frio! — disse a mulher jovem. A sua voz era suave, mas ardente. A criança levantou os olhos para ela e viu um rosto de tal modo encantador que achou poder estar nos braços de um anjo. Os cabelos do anjo eram muito, muito claros, da cor da nata fresca. Os seus olhos eram enormes e suaves, e muito azuis, orlados por longas pestanas que eram como minúsculas penas douradas; tinha maçãs do rosto salientes, um maxilar anguloso e um queixo pontiagudo suavizado pela sugestão de uma covinha.

— É uma vadia, não haja dúvidas sobre isso. — Esta era uma voz mais velha, de tom mais severo.

— Que interessa? É uma criança, e certamente morrerá se passar outra noite ao desabrigo e sem comida. Olha, olha para ela! Não tem mais que ossos, como uma cria desgraçada expulsa do ninho. — A jovem baixou os olhos, viu que a criança estava acordada e sorriu.

— Ela vai destrancar a porta para a gente dela entrar durante a noite, ouça o que lhe digo. Vai deixá-los entrar, e levarão tudo o que temos, incluindo a sua virtude!

— Oh, Bridget! Não fiques sempre tão assustada! És uma escrava das tuas suspeitas. Ela não vai fazer tal coisa, é apenas uma criança! Uma inocente.

— Não há ninguém mais inocente nesta casa do que a Menina Alice — murmurou Bridget entre dentes. — Falo por prudência, não por medo. De que lado veio ela?

— Não sei. Apareceu de um momento para o outro. — A jovem

puxou uma pena dos cabelos da criança com a ponta dos dedos. — Foi como se os estorninhos a tivessem trazido.

— Isso não é senão uma fantasia. Ela deve estar infestada de piolhos e vermes, não a ponha tão perto de si! Não consegue cheirar a podridão que há nela?

— Como podes falar assim de uma criança, Bridget? Não tens cora-ção? — Alice aconchegou a criança mais para si, protetoramente. A criança encostou o ouvido ao peito de Alice, e ouviu a forma como o seu coração batia com força, apesar de parecer calma. Batia com força e vacilava e tropeçava em si próprio. Sentiu o rápido subir e descer da respiração sob as costelas do salvador. — Pô-la fora seria a mesma coisa que matá-la. Infanticídio! Não o farei. E tu também não.

Por um momento as duas mulheres fitaram-se. Depois, Bridget levantou-se da cadeira e cruzou os braços descarnados.

— Assim seja, e que as consequências caiam sobre a sua cabeça, menina — disse ela.

— Ótimo. Obrigada, Bridget. Vais buscar-lhe uma sopa, se fazes favor? Deve estar com fome. — Apenas quando a mulher mais velha deixou a sala é que Alice relaxou um pouco, e levou a mão livre ao peito. Baixou os olhos para a criança e sorriu novamente. — Discutir com Bridget deixa-me sempre com o coração aos pulos — disse ela sem fô-lego. — Como te chamas, pequenina? — Mas a criança não conseguia responder. A língua parecia paralisada no interior da sua boca e a sua mente estava demasiado cheia com as sensações de calor e formigueiro. — Agora, não precisas de ter medo. Aqui estarás a salvo e quente, e terás comida. Oh, olha... aqui está outra! — disse Alice, desentranhando uma segunda pena dos cabelos da criança. — Chamar-te-emos Starling<sup>1</sup> por agora. — Starling fitou o anjo e nesse instante esqueceu tudo — onde estivera, a quem pertencia, qual o seu nome anterior, e a fome que lhe remexia as entranhas. Esqueceu tudo, exceto que amava Alice, que ficaria com ela para sempre e que faria tudo para lhe agradar. Depois adormeceu.

---

<sup>1</sup> *Starling* — Estorninho, em português. [N. do T.]

**O** DIA DO CASAMENTO FOI UM DIA DE SINAIS E PRODÍGIOS. RACHEL tentou não os ver, uma vez que a metade mais elevada do seu espírito sabia que não podia acreditar neles, mas eles continuaram a surgir. Ela conseguia perfeitamente imaginar a sua mãe a troçar de uma tal fragilidade do pensamento, mas com um sorriso para suavizar as palavras. *Nervos, minha querida. Isso não é mais do que um toque de nervos.* Apesar disso, Rachel continuou a vê-los, e os sinais pareciam avisos, todos eles. Uma pega solitária pisando com jactância o relvado; uma toradeira a cantar no poste do portão. Pisou a combinação enquanto a vestia, e rasgou-a ao longo da cintura; quando desenrolou os trapos dos cabelos, todos os caracóis ficaram de imediato pendentes. Mas era o primeiro dia seco em mais de uma semana — isso era seguramente um bom sinal. Era o princípio de setembro, e o tempo ficara tempestuoso durante os últimos dias de agosto, com chuva pesada e ventos fortes que destruíram as folhas ainda verdes. Rachel tivera esperança de que ainda fosse verão quando se casasse, mas era já definitivamente outono. Outro sinal. Com os braços doridos, desistiu de arranjar os cabelos e foi até à janela. Havia sol, mas era baixo e inseguro — o tipo de sol que nos apanha os olhos e cega em vez de aquecer. *Esta será a última vez que estou a uma janela de Hartford Hall, desejando estar noutra sítio qualquer,* recordou a si mesma, e esta ideia superou todos os sinais de aviso. De manhã, iria acordar para uma nova vida, numa nova casa, como uma nova pessoa. Uma esposa; não mais uma solteirona, uma ninguém.

A mãe de Rachel certamente teria afastado estes supostos sinais, e reafirmado à filha que a correspondência era justa, dadas as circunstâncias. Anne Crofton fora uma mulher prática; boa e afetuosa, mas



inteiramente pragmática. Não casara com o pai de Rachel por amor, mas por bom senso; embora o amor tivesse mais tarde crescido entre eles. Ela teria aprovado a forma cautelosa como Rachel considerara a proposta de Richard Weekes antes de a aceitar. Ele era, por nascimento, de condição inferior, mas as suas perspectivas eram boas e o negócio florescente. O seu rendimento era mais do que suficiente para manter uma esposa modestamente confortável. Os modos eram um tanto grosseiros, mas não havia dúvidas de que tinha encanto; e com encanto inato, Rachel poderia modelar o resto. Um diamante em bruto a que ela poderia dar algum brilho. E por muito mais etéreo que o nascimento dela tivesse sido, continuava a ser verdade que o seu estatuto atual era inferior. Todas estas coisas ela poderia ouvir a mãe dizer-lhe, quando fechasse os olhos à noite e sentisse a falta dos pais com uma sensação de terrível dor nos ossos. E na voz do pai... bem, ele teria dito menos. Em vez disso, ela teria visto apreensão nos seus olhos, porque John Crofton tinha casado por amor, e sempre disse que isso o tornara o mais feliz dos homens vivos.

Mas Rachel também tinha um argumento preparado para ele: ela sabia que Richard Weekes a amava. Assim, ela entrava em jogo no mesmo pé em que os seus pais tinham entrado, e esperava ser tão feliz como eles tinham sido. Rachel não acreditara no amor à primeira vista — não até ter encontrado Richard a primeira vez, em junho, e observado o encontro atingi-lo como um raio. Ele fora a Hartford Hall com uma seleção de vinhos de Bordéus para *Sir* Arthur Trevelyan provar, e esperava por ele na salinha quando Rachel entrou no compartimento à procura de um baralho de cartas. Lá fora, formara-se uma tempestade de verão, trazida por uma semana de calor entorpecedor; o céu escurecera e estranhas cintilações de relâmpago apareciam e desapareciam como pirilampos. Presas dentro de casa, as duas miúdas mais novas sob a sua guarda estavam inquietas e de mau humor, e ela esperava distraí-las com whist. Não tinha sabido que havia alguém na salinha, por isso entrou com uma pressa pouco própria de uma senhora, e de cenho franzido. Richard saltou da cadeira e endireitou o casaco, e Rachel imobilizou-se abruptamente. Encararam-se por um momento silencioso de suspensão e, em seguida, Rachel viu como tudo aconteceu.

Os olhos de Richard arregalaram-se e as palavras que se tinham formado na sua boca nunca chegaram a ser articuladas. Inicialmente, empalideceu bastante, depois ficou intensamente corado. Fitou-a com

uma intensidade que parecia ser vizinha do assombro. Pela sua parte, Rachel ficou demasiado abalada para dizer o que fosse, e as suas desculpas murmuradas pela intrusão morreram-lhe também nos lábios. Mesmo à luz evanescente do exterior, que lhe fazia o rosto ardente parecer um pouco adoentado, Richard era cativantemente bonito: alto e largo de ombros, ainda que não se perfilasse tão direito como deveria. Tinha cabelos castanhos-claros, em tons de terra, olhos azuis e o maxilar quadrado. Apesar de si própria, perante um tal escrutínio, Rachel corou. Sabia que não era suficientemente bela para ter causado tal perturbação apenas pelo seu rosto ou pela sua figura — era demasiado alta, o corpo demasiado liso e estreito. O seu cabelo era de um louro claríssimo, mas era muito fino e não encaracolava; os seus olhos eram grandes, de pálpebras grossas, mas a boca era demasiado pequena. Então, o que poderia ter sido aquilo senão compreensão? A compreensão de que ali estava a pessoa de quem andava à procura, sem sequer o saber; ali estava o contraponto da sua alma, aquele que haveria de trazer harmonia.

Havia uma névoa de transpiração no lábio superior de Richard quando, por fim, se ouviram os passos de *Sir Arthur*, e ambos foram libertados do encantamento. Rachel mergulhou numa vénia desgraciosa e virou-se para sair, sem o baralho de cartas, e Richard bradou-lhe: «Menina... peço que me perdoe», enquanto ela se afastava. A voz dele era profunda e macia, e intrigou-a. Ela voltou a subir aos quartos das crianças sentindo-se estranhamente sem fôlego e distraída. Eliza, a filha mais velha da casa, estava enrolada num lugar à janela, a ler um livro. Levantou os olhos, carrancuda.

— O que se passa contigo? — disse ela, carregando a pergunta de desprezo. Era uma sorte para Eliza ser morena, delicada e bonita. Uma rapariga mais vulgar não conseguiria levar a melhor com uma personalidade tão irascível, mas aos quinze anos Eliza tinha um grande número de admiradores.

— Nada que lhe diga respeito — replicou friamente Rachel. Houvera momentos, durante os seis anos em que Rachel fora governanta em Hartford Hall, mais momentos do que deveria ter havido, em que os dedos lhe arderam com vontade de fechar a boca de Eliza com a palma da mão.

...

DURANTE ALGUMAS SEMANAS DEPOIS DISSO, RICHARD WEEKES SURTIU aqui e ali, inesperadamente, afirmando que tinha assuntos a tratar na zona. No lado de fora da igreja; junto da mercearia da aldeia; no relvado ao domingo à tarde, onde as pessoas se juntavam para mexericar e intrigar. Foi a Hartford umas quantas vezes, para perguntar ostensivamente pelos últimos vinhos que entregara, e como se estavam a beber. Foi com tanta frequência que *Sir Arthur* ficava cada dia mais irritável, tratando-o com brusquidão. Mas Richard Weekes continuou a ir, e demorava-se, e quando vislumbrava Rachel, arranjava sempre maneira de lhe falar. E depois pediu-lhe autorização para lhe escrever, e Rachel sentiu um peculiar sobressalto no estômago, porque, a partir desse momento, não havia dúvidas sobre as suas intenções. Escreveu-lhe numa caligrafia difícil em que cada letra se recusava teimosamente a ligar-se à seguinte. A prosa era colorida por particularidades de soletração e de gramática, mas as mensagens que transportava eram doces e ardentes.

Ela só tivera uma única proposta de casamento antes, apesar de, nos tempos antes do seu descrédito, a sua família ter sido rica e respeitada. Rachel nunca fora bela, mas atraente e suficientemente bem-falante para despertar interesse em mais de um jovem cavalheiro. Mas nunca lhes dera razões para terem esperança, nem os encorajara, por isso apenas um jamais reunira coragem para pedir a sua mão — James Beale, filho de um vizinho próximo, a caminho de Oxford para estudar Filosofia. Ela recusara o mais amavelmente que pôde, sentindo que deveria esperar — esperar o quê, ela não conseguia dizer. Havia já perda na sua família, nessa altura, mas não foi a dor que a impediu; apenas o desejo de qualquer coisa que dificilmente conseguia apontar — talvez um certo grau de convicção. Ela não tinha uma natureza romântica; não estava à espera que a sua alma levantasse voo quando encontrasse o homem com quem se casaria. Mas esperava sentir *qualquer coisa*; qualquer coisa mais. Uma sensação de completude, e de certeza.

Richard Weekes debateu-se com a sua proposta quando chegou o momento, tropeçando nas palavras, com as maçãs do rosto em brasa; e poderá ter sido essa súbita exibição de vulnerabilidade que convenceu Rachel, no momento, a aceitar. Tinham andado a passear, com as crianças a fazerem de vela, numa tarde quente dos finais de julho. Os campos em redor de Hartford Hall, nas imediações da aldeia de Marshfield, a norte de Bath, estavam mais dourados do que verdes, sonolentos com o

calor e a luz. Fora um ano quente, o trigo amadurecido cedo e os campos de feno cheios de flores selvagens — papoilas, centáureas-azuis e tufos de ervilhaca. Chegaram ao canto superior de uma pastagem íngreme, onde o ar se impregnava do cheiro a terra e a excrementos recentes, e pararam à sombra de uma faia, enquanto as crianças corriam adiante através da erva alta, como pequenos navios num mar sem água — todas menos Eliza, que se sentou no muro baixo de pedra, a alguma distância, abrindo um livro e virando-lhes as costas ostensivamente.

— Este é um belo sítio, não é? — disse Richard, de pé ao lado dela, com as mãos cruzadas atrás das costas. Despira o casaco e arregaçara as mangas da camisa, e Rachel reparara na compleição sólida dos seus braços, no aspeto avermelhado e rude das suas mãos. As mãos de um trabalhador, não de um cavalheiro. Calçava botas altas de couro, muito usadas, sobre calções cor de rapé e um casaco curto azul ligeiramente grande de mais para ele. *Comprado em segunda mão e nunca emendado. Isso não torna o homem menos digno*, pensou Rachel.

— É uma das minhas vistas preferidas — concordou Rachel. Para lá de uma linha de bétulas e salgueiros podados ao fundo do declive, a terra elevava-se de novo, tomando tudo, formando um xadrez de campos. Muito acima deles um urubu jovem chamava o seu par através do céu sem nuvens, de voz ainda assobiada e juvenil, embora se elevasse a centena e meia de metros sobre as suas cabeças. Rachel sentia a pele do nariz presa e esperou que não fosse queimada do sol. O seu chapéu de palha estava a fazer-lhe comichão na testa.

— Deve nunca querer sair de Hartford — disse Richard.

— Tenho a certeza que há imensos sítios que poderei vir a amar do mesmo modo. E os sítios que se deixam podem sempre ser visitados de novo — disse Rachel.

— Sim. Poderá sempre voltar para o visitar. — Depois disto, Richard Weekes pareceu sentir que assumira demasiado. Olhou para os pés, deslocando-os ligeiramente. — Cresceu aqui perto, não foi o que disse?

— Sim. A minha família vivia no vale By Brook, nem a dez quilómetros daqui. E passei três temporadas em Bath, antes... antes de a minha mãe nos ter sido tirada. — *Antes de tudo ter sido feito em pedaços*, foi o que ela não disse.

— Perdoe-me, não tive qualquer intenção de suscitar recordações tristes.

— Não, eu sei que não teve... são recordações felizes, Sr. Weekes.

Após uma pausa, Richard aclarou a garganta, baixinho, e continuou:

— Imagino então que tenha alguns conhecimentos, em Bath e nos arredores? Pessoas que conheceu durante as temporadas em que esteve lá?

— Alguns, suponho — disse Rachel com embaraço. Ele parecia não compreender que toda aquela sociedade terminara com a desgraça do seu pai; deu-se conta de que não tinha um particular desejo de o esclarecer. Ela falara sobre perder os pais, e ele parecera aceitar como razão suficiente para ela ter aceitado um lugar como governanta, sem quaisquer conotações de vergonha ou penúria. — Mas passaram muitos anos desde que estive lá.

— Oh, não terá sido esquecida, Menina Crofton. Estou inteiramente convencido disso. Não seria possível esquecerem-se de si — disse ele, apressadamente.

— Muito boa gente entra e sai da cidade — objetou ela. — Cresceu lá, também?

— Na verdade, não. Cresci pelas aldeias, como a menina. O meu pai era moço de estrebaria. Mas a vida da cidade é-me mais favorável. Bath serve-me muito bem, não quereria viver noutra sítio qualquer. Apesar de haver lá pecado e misérias, claro, e é mais visível, talvez, onde as pessoas vivem mais em cima umas das outras.

— A vida pode ser cruel — murmurou Rachel, incerta quanto à razão pela qual ele haveria de referir tais coisas.

— A vida, mas também os homens. Uma vez vi um homem a espancar uma criança pequena; um rapaz, esfarrapado e cheio de fome com não mais de seis anos de idade. Quando o impedi, o homem contou-me que caíra uma maçã do seu carrinho e que a criança a tinha surripiado da sarjeta. E por isto, ele bateu no desgraçado com a bengala. — Richard abanou a cabeça, fitando o dia ensolarado, e Rachel esperou. — No fim, acabámos ao murro. Receio ter-lhe partido os queixos. — Virou-se para a fitar de novo. — Isso choca-a? Está estarecida, Menina Crofton?

— O que me deverá chocar? Que um homem cruel espanque uma criança por causa de uma maçã, ou que tenha intervindo e punido o homem? — disse ela severamente. *Ele tenta com tanto afínco que eu saiba que ele é corajoso, justo e sensível.* Richard parecia ansioso, pelo que ela sorriu. — A crueldade com a criança foi de longe um mal pior, Sr. Weekes.

Richard então tomou-lhe a mão, e subitamente Rachel teve uma consciência demasiado nítida das costas rígidas de Eliza e dos seus ouvidos à escuta, e do riso distante das outras crianças. Uma brisa fez estremecer as folhas da faia e uma faixa de ar agitou-se contra a sua face. *É agora.*

— Já lhe disse quanto eu... a admiro, Menina Crofton. Quanto a amo, como nunca amei outra. Tem de casar comigo. — A voz de Richard era tão tensa que a proposta lhe saiu como uma ordem cortante, e as suas faces arderam-lhe, vermelhas. Baixou de novo os olhos para os pés, embora continuasse a pegar-lhe na mão. Era quase como uma vénia, como uma súplica. — Creio que seria uma aliança vantajosa, para ambos. A sua gentileza e os seus modos são... tão admiráveis, Menina Crofton. Os seus conhecimentos em Bath... os nossos recursos combinados, quero dizer... apenas podem... apenas podem conduzir à partilha de um futuro de muito maior... o que eu quero dizer é que, por favor, case comigo, suplico-lhe. — Tossiu, recompôs-se. — Se me desse a grande honra de ser minha esposa, eu juro que devotarei a minha vida ao seu conforto e cuidado. — Respirava profundamente, levantando os olhos como se mal ousasse fazê-lo. — *Dois propostas, quase com uma década de permeio; esta de algum modo a menos graciosa, mas seria sem dúvida a última.* Rachel não se sentia confiante, mas o céu estava pintado do mais brilhante azul, e a mão dele estava tão quente quanto a face ruborizada, e os seus olhos estavam inquietos enquanto esperava a resposta dela às suas palavras desajeitadas. O sol assomava das linhas íngremes das suas maçãs do rosto e do maxilar. *Um rosto belo, e todo corado por amor de mim.* Sentiu inchar o coração, e abriu-se nele uma pequena fenda; um vislumbre de sentimento que era inesperado, ausente há muito, e lhe levou lágrimas aos olhos.

— Sim. Eu casarei consigo, Sr. Weekes — disse ela.

RACHEL E RICHARD CASARIAM NA CAPELA JUNTO A HARTFORD HALL E depois viajariam de imediato para Bath, para a casa de Richard, onde iriam viver.

— Em que rua fica a casa? — atacou Eliza quando ouvir falar deste plano.

— Esqueci-me. Kingsgate, talvez? — disse Rachel, inventando o

nome de forma evasiva. A casa ficava de facto em Abbeygate Street, e o seu coração afundara-se quando tinha contado isto à enfermeira-chefe, Mina Cooper, e observara a boa mulher a tentar encontrar alguma coisa boa para dizer acerca da morada. *Ouso dizer que tem muitos melhoramentos desde que lá estive a última vez.*

— Kingsgate? Não conheço nenhuma Kingsgate. Não pode ser perto de nenhuma das ruas melhores, se nunca ouvi falar dela.

— É possível que haja coisas neste mundo sobre as quais ainda não saiba nada, Eliza. — Havia coisas, por exemplo, que Rachel agora sabia acerca de Richard que poucas outras pessoas sabiam. Que, apesar do seu aspeto jovial, já tinha ultrapassado os trinta anos. Que a coisa que mais gostava de comer era pão mergulhado na manteiga quente onde tinham sido salteados cogumelos. Que tinha medo de montar, pois fora violentamente derrubado em criança. Que, embora o pai tivesse sido um moço de estrebaria, Richard se elevara pelo trabalho duro, pelo bom gosto e autodidatismo, tornando-se um dos negociantes de vinhos e aguardentes mais bem-sucedidos de Bath.

Ele contou-lhe todas estas coisas, sem ela lho pedir; como um homem que se desnudasse — deixando-a saber ao mesmo tempo sobre o bom e o mau, para que ela o conhecesse completamente, e isso fizesse com que confiasse nele. Ele não pareceu reparar que lhe fizera poucas perguntas em troca, ou que ela dera escassa informação sobre si própria de forma voluntária. E por cada coisa que ele lhe contou, uma dúzia de outras questões eram formuladas num recesso distante da sua mente. Esta curiosa observadora era subtil como uma sombra; era como o eco de uma voz, vinda de um lugar profundo; uma parte de si que de algum modo se separara, nos anos de perda e de dor que se tinham seguido à sua infância feliz. Mas era uma voz que ela acalentava; a qual, quando ouvida, lhe dava uma guinada de perda que ia para além da carne, e de alegria ao ouvi-la de novo, por mais baixinho que fosse. Em relação ao tema Richard Weekes, era quase infantil, cheia de fascínio, prazer envergonhado e dúvida fugaz.

*Sir Arthur e Lady Trevelyan* declararam como lhes competia que sentiriam a falta da Menina Rachel, quando ela lhes disse que se iria embora. Ela suspeitava que aquilo de que eles mais lamentavam era ter de pôr um anúncio para uma nova governanta. Apenas Frederick, a criança mais nova, parecia sofrer genuinamente com a ideia de a



perder. Quando ele lhe lançou os braços à volta da cintura e enterrou o rosto na sua saia para esconder as lágrimas, Rachel foi trespasada pelo remorso.

— És um bom menino, Freddie, e eu vou ter muitas saudades tuas. Espero que façamos visitas frequentes um ao outro — disse-lhe ela.

— Duvido — interveio Eliza. — Bath é tão aborrecida e... reduzida, nestes tempos. Viajaremos mais vezes para Lyme daqui para a frente, acho eu. E mesmo que fôssemos a Bath, ousa dizer que frequentaríamos círculos bastante diferentes. — Na sua acrescida falta de simpatia, Rachel leu um toque de tristeza também em Eliza. Receava que Eliza fosse uma daquelas pessoas que apenas conseguiriam ser capazes de se expressar através da ira, pelo que reuniu forças para ir junto da rapariga e beijar-lhe a face.

— Seja feliz, Eliza. E tente ser bondosa — disse ela. Eliza olhou-a furiosamente, virando depois a cara. Ficou resolutamente a olhar pela janela, parecendo como se a coisa de que mais gostaria de fazer fosse abrir o caixilho e voar através dela para o mundo vasto, para longe de sua casa, com todas as suas paredes e portas, as suas linhas retas e regras ainda mais a direito.

UM BATIMENTO NA PORTA FEZ RACHEL AFASTAR O OLHAR DA JANELA. O seu vestido de casamento — na verdade o seu único vestido bom, de algodão bege, de mangas curtas e apanhado abaixo do busto — agitou-se à volta dos tornozelos. Sentiu os caracóis caídos do cabelo rasparem-lhe o pescoço, e perguntou-se se não era demasiado tarde para fazer alguma coisa deles. Foi Eliza quem entrou no quarto, sem esperar que o seu toque fosse respondido.

— Se estás pronta para casar com o lojista, o pai trouxe-te a carruagem para a frente. Eu disse que eram cinquenta metros até à capela e fáceis de ir a pé, mas ele insiste que uma carruagem é adequada para um casamento — disse ela, com ar de tédio. Usava um belo vestido de cetim creme, debruado com um bordado complicado, muito melhor do que qualquer coisa que Rachel possuísse. Rachel pensou que aquele era um derradeiro exemplo de falta de tato da sua antiga pupila.

— Obrigada, Eliza. Estou pronta.

— Mas... o teu cabelo...



— O meu cabelo tem de servir. Está vento lá fora, de qualquer modo. E, além disso, o Sr. Weekes não se importará.

— Ele talvez não se importe, mas talvez tu devesse importar-te. Senta-te aqui um momento. — Eliza apanhou ganchos perdidos sobre o toucador e começou a colocar alguns nas tranças soltas. — Devias ter deixado a Bessie vir ajudar-te — murmurou ela entre dentes.

— Como tantas vezes me disse, a Bessie tem coisas suficientes para fazer sem ter de me pentear.

— É o dia do teu *casamento*, Menina Crofton. E a razão de te recusares a usar uma frente falsa de caracóis como deve ser, é coisa que nunca saberei. Menina Crofton, Menina Crofton... pensei que gostasses de ouvir isto mais umas vezes antes de te tornares na Senhora Weekes.

— É bondade sua ir a um casamento que tanto desaprova — disse Rachel, divertida.

— Nunca disse que desaprovava. O Sr. Weekes está... bem. Mesmo certo para ti, suponho eu. — Eliza encolheu os ombros.

— Um homem bom e honesto, e que me ama. Sim, eu chamaria a isso mesmo certo — disse Rachel, e ao espelho viu Eliza corar ligeiramente, lábios finos ao apertarem-se. Uma ideia ocorreu-lhe então — de que Eliza pudesse de algum modo invejá-la. Ela apanhara a rapariga, mais de uma vez, a espiar Richard Weekes pela janela. Ele encarnava uma figura romântica, e era bonito — mais do que bonito que chegasse para encantar uma miúda de quinze anos. Rachel sabia que não deveria deixar que isto lhe agradasse, porque Eliza era realmente apenas uma criança; mas, ainda assim, quando ela por fim se ergueu do toucador, foi com uma boa dose de maior determinação.

Desceu pela larga escadaria com a sua extensa balaustrada, caminhando ao longo do rico tapete turco do corredor, em direção às altas portas da frente. O reflexo de Rachel acompanhou-a, esvoaçando de vasto espelho em vasto espelho como um fantasma sociável, e havia qualquer coisa de profundamente reconfortante nesta dualidade. A tentação de ver o seu reflexo como uma pessoa distinta era forte. Não ousou virar a cabeça para olhar, porque sabia o que veria — apenas ela própria; nenhum companheiro a seu lado, afinal. Provavelmente, nunca mais entraria numa casa tão grandiosa, mas Hartford Hall era também fria, e inflexível. Houvera pouco riso, apesar das crianças, e poucos convidados. Rachel sempre a considerara um local triste e silencioso, depois

do calor e da alegria da casa da sua infância e da constante tagarelice feminina da escola interna. Viu mentalmente a forma como o seu pai e o seu irmão mais novo, Christopher, tinham lutado — rolando no tapete diante da lareira, lançando-se às costelas um do outro até que o riso os deixasse impotentes; tentou imaginar *Sir Arthur* a comportar-se do mesmo modo com Freddie, e não conseguiu. Mas talvez tivesse sido ela que trouxera alguma daquela calma para Hartford, com o luto pela perda dos seus pais; porque alguma parte de si mesma morreria com eles, ou assim parecia.

A mãe fora primeiro, de um ataque; o pai, três anos depois, quando a dor o conduzira à ruína, ao escândalo, e a casa e toda a mobília foram vendidas para fazer frente à insolvência. Os médicos tinham ficado confundidos quando ao que na verdade causara a sua morte, mas Rachel, que vira a expressão do seu rosto e lhe dera um beijo para, pela última vez, lhe desejar boa-noite, tinha a certeza que o seu bom e gentil pai morreria de vergonha. A ideia era demasiado dolorosa, pelo que ela tentou não a pensar. Havia a pega, empoleirada no poste do portão quando a carruagem a levou para longe das portas da frente. *Uma por tristeza.* Rachel ergueu dois dedos para o saudar, apesar de tudo o que seria mais razoável.

*Nervos. Nada mais.* A vida estava prestes a mudar para sempre, afinal. Ela poderia ser perdoada por se sentir ansiosa, em especial porque estava sozinha em todas as suas decisões, sem recurso ao conselho de um pai ou parente mais velho. *Talvez eu esteja apenas com necessidade de uma segunda opinião.* Ela passara a conhecer e a confiar em Richard, mas o namoro fora rápido. Por vezes, quando ele sorria, parecia que outros pensamentos, mais sérios, lhe pairavam atrás dos olhos; e, por vezes, quando ele estava sério, os seus olhos dançavam em silencioso folguedo. Por vezes, ela erguia os olhos para descobrir que ele a observava com uma expressão que ela não reconhecia e não conseguia decifrar. Tais coisas aprendem-se ao longo do tempo. *Aprenderei a lê-lo, e ele aprenderá a ler-me.* Mas ele dizia-lhe que a amava, vezes sem conta, e jurava-lhe a sua devoção. E ela vira o efeito que tivera sobre ele quando se encontraram pela primeira vez. Ainda assim, o seu coração batia com força enquanto fazia a sua caminhada solitária ao longo da nave para se lhe juntar em frente do altar. Ela não tinha nenhum parente homem que a acompanhasse — muito antes de a sua mãe morrer, o seu irmão Christopher

— | — | — | — | — | — |

— | — | — | — | — | — |

tinha sido levado por uma febre, aos nove anos; *Sir Arthur* estabelecera os limites ao não tomar sobre si este dever familiar. O lado da noiva, na capela, estava povoada quase exclusivamente por pessoas ausentes, mas ela imaginava-as lá à medida que avançava, e imaginava-as contentes e aprovadoras da sua escolha. Mantinha-se muito direita e caminhava a passo comedido.

Richard vestia o seu melhor casaco azul e uma gravata branca, com o cabelo penteado para trás e o queixo escanhado. Era impressionantemente encantador; os seus olhos eram límpidos e apreensivos enquanto a observava a aproximar-se. Ficou suficientemente perto dela para que os seus braços se encostassem enquanto o pastor dava as boas-vindas. Parecia existir uma promessa naquele toque — de que em breve não haveria nada, nem mesmo pano, entre a pele de ambos. Rachel sentiu-se ansiosa com essa ideia. A luz do Sol através da janela da capela era quente. Ela conseguia cheirar o sabão de barbear de Richard, um leve aroma a cânfora do casaco, e o cheiro vital, masculino, da transpiração recente. Lançou o olhar para o lado enquanto o clérigo falava e viu Richard a olhar fixamente para a efígie de Cristo na cruz que pairava acima do altar. Pequenos nódulos formavam-se nos cantos do maxilar, mas quando foi chamado a falar e fazer os seus votos, virou-se para ela e não se pôde impedir de sorrir. Tentando ficar calma, como devia, enquanto dizia a sua parte, a voz de Rachel era tão baixa e estrangulada que o pastor lutou para a ouvir. Quando tudo terminou, Richard levou-lhe a mão aos lábios e fechou os olhos, inclinando-se diante dela.

— Senhora Weekes. Fez de mim o homem mais feliz do mundo — sussurrou ele, e depois riu-se deliciosamente, como se conseguisse manter o riso dentro de si.

STARLING SOPROU, ZANGADA, UMA MADEIXA DOS SEUS CABELOS AVERMELHADOS que lhe caía insistentemente para os olhos. As suas mãos estavam pegajosas com o suco de cebola, por isso ela não a queria pôr para trás; o cheiro da comida e dos cozinhados já se impregnavam nela por tempo suficientemente longo sem isso. Apesar do pedaço de pão bolorento espetado na ponta da sua faca — uma salvaguarda na qual Bridget depositara toda a confiança —, os seus olhos ardiavam com os fumos, e

nesse momento também começou a sentir comichão no nariz, pelo que já cerrara os dentes com irritação antes de Dorcas vir furtivamente para cima dela. Dorcas alisou-lhe o avental repetidamente com a palma das suas mãos, e fez um rápido e fino sorriso. Pairou por ali, ao canto do olho da Starling, como um inseto à procura de um lugar para pousar. Starling respirou fundo, baixou a faca e ergueu os sobrolhos. O sorriso de Dorcas transformou-se numa expressão carregada, e Starling viu o quanto ela detestava pedir um favor a uma criada da cozinha.

O Sol acabara de se pôr e as lanternas ainda não tinham sido acesas, pelo que o lume projetava sombras que dançavam nas paredes como demónios.

— É hoje que o vais fazer, Starling? Sabes como ele ontem foi mau — irrompeu Dorcas. A criada esquelética, com os seus dentes de cavalo e os olhos estreitos, sem pestanas, estava a transpirar, embora Starling não conseguisse dizer se era do desconforto ou do calor dos lumes da cozinha.

— E isso é modo de falar acerca do senhor? — Starling estava demasiado ofendida para tornar as coisas fáceis a Dorcas. *Deixemos que ela me implore*, pensou.

— Não te armes em importante comigo, Starling. Sabes do que estou a falar — disse Dorcas. Starling estudou-a, e viu um medo real nos olhos da rapariga. Couraçou o coração contra isso.

— O que eu não *sei* é porque estás à espera que eu faça o teu trabalho por ti, Dorcas Winthorp. Não te vejo cá em baixo a picar cebolas sem fim para a sopa. — As narinas de Dorcas alargaram-se com desgosto.

— Sou criada de quartos. Não faço o trabalho da cozinha.

— És a única criada, por isso vai fazer o teu trabalho e deixa-me estar sossegada. — Starling voltou para as cebolas, sentindo a raiva impotente da outra rapariga à medida que se afastava.

A cozinha da casa de Lansdown Crescent, em Bath, tinha um teto abobadado e janelas altas para compensar estar abaixo do nível da rua. As janelas davam para um pátio estreito e sombrio, e deixavam entrar pouca luz. Era um espaço aninhado entre as fundações do edifício, escavado no solo, apoiando de várias formas a casa que se erguia por cima. Starling por vezes pensava nela como a toca de um animal, um cercado através do qual os criados se moviam, dia sim, dia não, com sujidade sob as unhas e suor seco nas roupas, pestanejando com a luz do dia. A

cozinheira, Sol Bradbury, riu-se baixinho quando por fim Dorcas se esgueirou pelas escadas acima.

— És má, Starling, olá se és. Vais acabar por seres mandada para cima, e tu sabes disso.

— Talvez. Mas ela morde-me como uma pulga, essa aí. Não consigo arranjar disposição para lhe tornar a vida mais fácil — replicou Starling.

O cavalheiro da casa, o Sr. Jonathan Alleyn, tinha na verdade sido pior do que o costume nos últimos dias, facto pelo qual Starling se sentia grata. Era, afinal, obra sua. Ele era governado pelos seus humores e sonhos e dores na cabeça; a desarrumação dos seus aposentos escuros e apinhados refletia a desordem da sua mente. Starling tinha muitas formas de o picar. No início da semana, ela ficara a saber, por um velho soldado que bebia na Moor's Head, a batida exata dos tambores franceses em marcha. Ela bateu esse ritmo na lareira enquanto a varria, para ostensivamente derrubar as cinzas da pá e da escova. Quando terminara, Jonathan Alleyn estava sentado com os olhos bem fechados e as narinas brancas, todo o seu corpo fortemente martelado, tão comprimido que tremia. *Não mais do que tu mereces*, pensara Starling, contente com o resultado, e com o facto de ele piorar o resto da semana. No dia anterior, Dorcas tinha ficado lívida e de olhos arregalados quando acabou o serviço nos aposentos dele. Starling esboçava um sorriso ao lembrar-se. A rapariga era cobarde como um coelho. Enfiou os tufos rebeldes de cabelo mais firmemente sob a touca e regressou às cebolas. Sol batia a mistura para um bolo de ameixa, cantando baixinho uma canção obscena.

Poucos minutos depois, Dorcas estava de volta, lágrimas a formarem riscos sobre as manchas de fuligem nas suas bochechas.

— Ele enlouqueceu! Desta vez enlouqueceu mesmo! — gritava ela, entre a estridência e o *staccato*. Starling não conseguia fazer mais nada senão rir-se.

— Não te atrevas a rir de mim, Starling! Nenhuma pessoa decente deveria ter de entrar naqueles quartos! É pior do que qualquer coisa que o diabo pudesse magicar! E ele próprio é como se fosse um demónio... Acho que a sua alma deve ser negra como breu! Negra como breu! — protestava Dorcas.

— Sobre o que é tudo isto agora? — Quem falou foi a Sra. Hatton, a governanta; uma mulher baixa e enérgica de cabelos grisalhos e um

rosto consumido pelos cuidados. As três mulheres na cozinha endireitaram-se, e selaram os lábios. — Bem? Isso cá para fora, uma de vocês.

— É o Sr. Alleyn, minha senhora. Ele... ele... fui arranjar o quarto para a noite e ele... — Dorcas desfez-se em lágrimas novamente, esticando a boca num largo crescente voltado para cima.

— Que os santos nos preservem. Então, Dorcas! Tenho a certeza que não teve intenção de te fazer mal. — A governanta puxou do seu lenço e estendeu-o à criada.

— Mas tenho a certeza que sim, minha senhora! Acho que desta vez ele enlouqueceu! Agarrou no balde do carvão e *atirou-mo!* Se eu não me tenho abaixado, tinha-me partido os dentes todos...

— Talvez não tivesse sido mau de todo — murmurou Starling entre dentes. Dorcas disparou um olhar de puro veneno em direção a ela.

— Starling, ninguém te pediu para falar — disse a Sra. Hatton, exasperada. Dorcas continuou a chorar.

— E... ele chamou-me aqueles *nomes!* Não deveria ter de ouvir essas coisas. E não fiz nada para o merecer!

— Basta. Agora, acalma-te. Tens trabalho para fazer, e...

— Não! Não quero mais voltar lá acima! Nem agora, nem amanhã! Não é *normal* o que ele faz. *Ele* não está no seu juízo, e não se deveria esperar que alguma pessoa decente... tivesse de o ver, ou de o servir! E eu não quero ir, mesmo que isso signifique ser despedida! — Com isto, Dorcas saiu da cozinha a correr. Sol Bradbury e Starling trocaram um olhar, e Starling esforçou-se arduamente para não sorrir.

— Senhor, mais uma a sair daqui a correr, não — murmurou a Sra. Hatton; por um segundo, os seus ombros sucumbiram de exaustão. — Starling, para de sorrir. Vai lá acima ao Sr. Alleyn, por favor, e arranja-lhe o quarto. Vais precisar de alimentar a lareira também, esta noite há uma frieza cortante no ar. Ele vai pedir vinho, mas disse-me a senhora que ele não pode beber nenhum; as dores na cabeça têm sido fortes esta semana, pobre alma. Nenhuma de nós seria tão instável, tivéssemos nós de viver com um tal sofrimento. Agora, por favor, Starling, não quero ouvir qualquer argumento. — Ela ergueu um dedo avisador, e depois saiu em perseguição de Dorcas.

Starling sorriu em direção à figura que desaparecia. Convinha-lhe deixar que a Sra. Hatton acreditasse que ela tinha relutância em ir aos aposentos de Jonathan Alleyn. Poderia ter levantado suspeitas, afinal,

se parecesse demasiado ansiosa por ir, embora estivesse ansiosa. Uma estranha espécie de ansiedade, porque o seu pulso acelerava sempre e a sua respiração tornava-se mais rápida, e, em certo ponto, sabia que tinha medo dele. Não medo do aspeto dele, ou do que havia nos seus aposentos, ou das suas fúrias, como as outras raparigas; tinha medo do que ela pudesse fazer, e do que ele pudesse fazer. Porque ela conhecera Jonathan Alleyn desde menina, e sabia coisas acerca dele que os outros criados não sabiam. Coisas que mais ninguém sabia.

Encontrou o tabuleiro do jantar que Dorcas abandonara numa mesa do corredor, fora dos seus aposentos. Ele tinha duas câmaras adjacentes no segundo andar da casa, do lado oeste, partilhando uma parede com a casa seguinte ao longo da meia-lua. O quarto onde ele dormia dava para a traseira da casa, simplesmente mobilado, mas dominado por uma enorme cama de cabeceira alta e dossel, com postes de madeira dourados, e cortinas pesadas de damasco carmesim. Ligado a ele através de portas duplas, o quarto da frente da casa era supostamente o seu escritório, e tinha uma enorme janela panorâmica cujo arco era sobranceiro à rua, oferecendo um vasto panorama da cidade e das colinas à sua volta. Um panorama quase sempre ocultado por portadas fechadas. Este quarto enchera de horror uma sucessão de criadas. Starling fez uma pausa e contraiu-se para ver se ouvia o som dos passos da Sra. Hatton ou de mais alguém que pudesse estar por perto, antes de adicionar uma garrafa de vinho ao tabuleiro do jantar. Uma garrafa que ela obtivera especialmente de Richard Weekes; misturado em segredo com uma bebida espirituosa para o tornar mais forte. O Sr. Alleyn bebê-lo-ia, ela sabia, mesmo que percebesse que fora preparado. Ela não parecia saber como parar. Talvez — ela quase sorriu para si mesmo com a ideia —, talvez ele até pensasse que ela o fazia para lhe agradar.

Starling escutou com toda a atenção durante um momento. Firmou-se. Lá dentro havia silêncio; nenhum som ou movimento, ou fala, ou violência. Ele estaria à espera no escuro, mas Starling não tinha medo do escuro. Jonathan Alleyn nunca acendia as suas lanternas; gostava de se sentar enquanto a obscuridade crescia à sua volta. Ela ouvira-lhe dizer uma vez que as sombras o acalmavam. Bem, ela bani-las-ia. Porque deveria ele ser acalmado? Por trás dela, a lanterna na parede fazia um suave som dilacerante à medida que tremeluzia na corrente de ar. Essa mesma corrente de ar acariciou a nuca de Starling,



fazendo-lhe arrepiar a pele. *É apenas isto*, tranquilizou-se ela. *Apenas um zéfiro frio onde uma porta foi deixada aberta*. Não era medo. Ela recusava-se a ter medo de Jonathan Alleyn, apesar de a pior e a maior coisa que ela sabia acerca dele, que mais ninguém sabia, era que ele era um assassino.

Ele estaria à espera lá dentro, nada que traísse o seu paradeiro, a não ser o resplendor rubro do fogo a refletir-se nos seus olhos. *Para ti, Alice*, brindou ela em silêncio, enquanto batia expeditamente à porta, e entrava.

A GENEROSIDADE DE SIR ARTHUR ESTENDEU-SE AO EMPRÉSTIMO DA carruagem a Rachel e ao seu novo marido para a viagem até Bath para o pequeno-almoço do casamento. Assim que desceram em frente da porta da estalagem Moor's Head, o veículo afastou-se, e a ligação dela com Hartford terminou ao som de cascos ferrados a ressoarem nas pedras da calçada. O vento que se escoava através de Walcot Street era ríspido. Richard deu gorjeta a dois rapazes fortes para levarem o baú de Rachel para sul, até à casa de Abbeygate Street, depois estendeu-lhe a mão.

— Venha, minha querida. Vamos sair desta corrente de ar — disse ele, fazendo-a passar a mão pelo interior do seu cotovelo. Mesmo nesse momento, os sinos da igreja começaram a bater as horas, e Rachel interrompeu-se.

— Espere — disse ela. — Há muitos anos que não ouço estes sinos. — Ela olhou pela rua para o centro da cidade, onde os edifícios de pedra clara se aglomeravam em volta, e as ruas empedradas se enchiam de carroças e carruagens, carretas puxadas por burros, criados que se apresavam a tratar dos assuntos dos seus amos. Havia criadas deselegantes com trouxas de roupa suja, arrastando os pés dentro de socas que lhes mantinham os sapatos fora da lama. Havia governantas e cozinheiras com cestos cheios de carne fresca e vegetais; carregadores suados que transportavam os ricos pela colina em luxuosas cadeirinhas; vendedores ambulantes e garotos diabretes e senhoras à moda, com as suas pelicas bem apertadas para se protegerem do tempo. Rachel respirou fundo e cheirou a humidade do rio; o fedor adocicado da imundície nas sarjetas;



pão acabado de cozer e carne assada; uma nuvem de vapores cervejeiros e fumo de tabaco vindo da estalagem. Uma mistura de odores de que ela se desabituara, vivendo na calmaria estéril de Hartford Hall. — Desde que cá vim com os meus pais, numa temporada. O meu irmão pequeno, também, antes de o perdermos. — Era uma recordação carinhosa, mas Richard não a entendeu e achou-a triste.

— Esqueça tudo isso, Senhora Weekes. — Apertou-lhe a mão, puxando-a em direção à porta da estalagem. — Agora sou a sua família, e isto é um novo começo. Certamente, Bath está muito mudada desde que estive cá pela última vez; há novos prédios a serem terminados a todo o momento; e entra gente nova. Gente excelente também, do tipo certo — disse Richard, e Rachel sorriu-lhe, não se dando ao trabalho de se explicar.

Moor's Head tinha tetos baixos, pesado com vigas e um chão de tijolo vermelho que o uso alisara ao longo dos anos. Havia já uma algazarra de vozes e risos, apesar de serem apenas cinco da tarde, e a animação irrompeu quando Richard apareceu. Ele sorriu e apertou a mão de diversos homens que já estavam bem bebidos, a julgar pelas bochechas vermelhas e olhos pesados. Rachel sorriu com desconforto enquanto eles brindavam com canecas de cerveja e lhe apertavam a mão mais rudemente do que ela estava habituada. O fumo fazia-lhe arder os olhos, pelo que pestanejava com frequência. Richard exibia um sorriso de orelha a orelha até ter olhado para Rachel e visto o seu desconforto. O sorriso desfez-se.

— Sadie, a nossa mesa está pronta? — gritou ele à rapariga que estava no bar, com rosto de Lua, fartos caracóis castanhos, seios abundantes e maçãs na face.

— *Aye*, Sr. Weekes, tal como pediu. Suba quando quiser — disse Sadie. Nesse momento, um homem colocou-se à frente deles; corpulento, com um rosto sulcado e uma cabeleira cinzenta de sujidade que deslizara sobre uma orelha. Deu palmadinhas desajeitadamente na mão de Rachel.

— Bem, jovem senhor, declaro que tratou muitíssimo bem de si. Disse-nos que ela era uma beleza, mas nenhum de nós esperava que conseguisse caçar uma tão excelente criatura como esta, hmm? — disse o homem, encavalitando ligeiramente as palavras umas nas outras. O seu bafo era acre do *brandy*, mas o rosto era bondoso, e Rachel inclinou

graciosamente a cabeça ao cumprimento. O seu novo marido fez um ar carrancudo.

— Claro que ela é excelente. Mais do que eu, certamente. Mas espero elevar-me e merecê-la — disse ele, rigidamente.

— É bondoso de mais comigo, e faz um mau serviço a si próprio, Sr. Weekes — disse-lhe Rachel.

— Bem, nunca vi uma noiva mais radiante. Realmente, não. É a coisa mais adorável a honrar este pobre lugar desde que me consigo lembrar — continuou o homem. — Deixe-me...

— Que consiga até lembrar-se da altura do ano seria uma surpresa para mim. Venha, minha querida. Por aqui. — Richard levou Rachel enquanto o homem idoso ganhava fôlego para se apresentar. Pareceu cabisbaixo quando se afastaram, e Rachel virou-se para fazer um sorriso de despedida.

— Quem era aquele homem? — disse ela enquanto Richard a conduzia até ao fundo de uma retorcida escadaria de madeira.

— Aquele? Oh, não é ninguém. Chama-se Duncan Weekes. É meu pai, se a verdade for dita — murmurou Richard entre dentes, mantendo a sua mão no fundo das costas dela para a apressar para diante.

— O seu pai? — Rachel estava chocada. Richard introduziu-a num compartimento acolhedor do andar de cima, onde o chão de madeira se arqueava e ondulava, e as janelas estavam enevoadas com a fuligem da cidade. Mas a mesa que fora posta para eles estava bem esfregada, e tinha louça da China e copos de vinho. Rachel tomou o seu lugar e reparou que a louça estava lascada nalguns pontos e os talheres manchados. Estava orgulhosa de não ficar tão desencorajada com este tipo de coisas como poderia ter esperado. — Julguei ter percebido que tinha pouco contacto com o seu pai?

— Tão pouco quanto possível, verdade seja dita — disse Richard.

— E apesar disso... tinha de o convidar hoje para vir aqui, para a festa do casamento?

— Convidá-lo? Não, não convidei. Mas... temos talvez os mesmos conhecimentos. Ele deve ter ouvido dizer que viríamos aqui.

— Adivinho que vem aqui com frequência. Parece ter muitos amigos aqui.

— Amigos, alguns. Clientes, outros; e uns quantos conhecidos, de cuja companhia talvez um dia tenha desfrutado, mas de que agora não

me consigo ver livre. Mas deixemos esses; o dia de hoje tem a ver conosco. Aqui, prove o vinho. Chama-se *Constantia*, despachado da colônia holandesa no Cabo da Boa Esperança. Um tesouro raro, e eu já há uns anos que ando a guardar esta garrafa para a minha noiva. Não consigo exprimir quão feliz estou por poder finalmente erguer um copo com ele num brinde a si, meu amor. — Encheu dois copos, estendeu-lhe um a ela e entrelaçaram os braços.

— Feliz por ter encontrado uma noiva ou por poder provar o vinho finalmente? — provocou Rachel.

— Por ambas as coisas. — Richard sorriu. — Mas a minha mulher é sem dúvida o prazer maior. A si, Sra. Richard Weekes.

O vinho desceu ardentemente para o estômago vazio de Rachel.

— É delicioso — disse ela, e tentou não se demorar no facto de o seu novo nome a tornar uma estranha aos seus próprios ouvidos. Desde a infância que ela imaginara a sua festa de casamento como uma coisa bastante diferente. Imaginara os pais com ela, e outra família, e uma toalha branca bordada por baixo de um banquete servido em pratos de prata e porcelana fina; ela própria muito mais nova, não passada já a flor da idade, aos vinte e nove anos, como agora ela se dava conta, e tendo aguentado durante anos olhares piedosos dirigidos a uma solteirona. Mas ela jamais poderia ter esperado por um noivo mais bonito, nem tão devotado a si. — Sr. Weekes, não deveríamos pedir ao seu pai para se juntar a nós? O que quer que se tenha passado entre vós, não parece certo que ele deva estar tão perto e, apesar disso, excluído da nossa celebração — disse ela. Richard não respondeu logo. Tomou um longo trago de vinho e depois virou o copo pelo pé sobre o tampo da mesa.

— Preferiria tê-la só para mim — disse ele, por fim, fitando-a com um sorriso que não correspondia realmente à expressão do seu olhar.

— Temo que tenha vergonha dele, e não quer que eu o conheça. Por favor, garanto-lhe, não precisa de se preocupar. Duncan Weekes agora também é meu pai, afinal, e eu gostaria muito de vir a conhecê-lo...

— Diz isso apenas por não saber como ele é.

— Talvez. Mas um casamento é uma ocasião para a família, não lhe parece? Ele pareceu bondoso... um nadinha desalinhado, talvez, mas...

— Não — disse Richard, e havia um tal tom perentório na sua voz que Rachel não ousou insistir no assunto, por receio de lhe azedar o humor.

Desse modo, banquetearam-se sozinhos, e uma vez o *Constantia* acabado, foi trazido mais vinho pela rapariga de servir, Sadie, juntamente com um enorme prato de costeletas de cordeiro assadas, uma truta inteira em molho de manteiga e salsa e um prato de vegetais com caril. Richard esvaziou o seu copo três vezes por cada vez que Rachel esvaziou o seu, e em breve tinha rosetas na face e os olhos brilhantes, e a voz ia ficando indistinta à medida que falava. Falou-lhe acerca do seu negócio, e como esperava fazê-lo crescer; como isso aconteceria em breve, antes mesmo de serem capazes de mudar para instalações melhores; como o filho deles haveria de se lhe juntar no comércio do vinho e das bebidas espirituosas, e como a filha casaria com um baronete.

— Receio que possa achar os nossos aposentos de algum modo... inferiores ao que está acostumada — disse ele a certa altura. — Espero que não fique desapontada.

— Que direito tenho eu de ficar desapontada? — disse Rachel. — Eu, que não tenho quase nada, exceto a roupa que trago no corpo? Hartford não era o meu lar, e o lar da minha família perdeu-se para mim há anos. Tudo o que tem, trabalhou para o ter e obteve-o para si, e isso é muito mais do que posso reclamar. E partilhará tudo isso comigo... não ficarei desapontada.

— Ainda assim, na verdade, está acostumada a estar bem rodeada, a boa comida e à companhia de pessoas com boas maneiras...

— Estou acostumada à companhia de crianças mal-humoradas — disse ela, tomando-lhe a mão e apertando-lha. — Essa não era a vida que eu queria. Esta é. — Sorriu. *Amor*, sussurrou o eco na sua cabeça. *Amor é o que é necessário, e aquilo a que deverás acostumar-te. Por isso, ama-o.*

Richard beijou-lhe a mão, totalmente agradado e aliviado, e Rachel espantou-se com a estranha sensação de distanciamento que cresceu nela à medida que a noite progredia.

Sentia-se um tanto como se estivesse a observar uma cena na qual não participava; a observar coisas que estavam a acontecer a outra pessoa completamente diferente. Uma parte importante de si tinha-se evaporado e ido em busca de outras coisas. Era o mesmo torpor estranho que se iniciara com a primeira morte na sua família e crescera por cada uma que depois se seguiu, e ela esperara que a forma como Richard tocara o seu coração quando a pedira em casamento tivesse assinalado o princípio do seu fim. Rachel empurrou o copo para longe de si, e colocou

uma mão sobre ele quando a rapariga veio para o encher. Algumas gotas de vinho espirraram do jarro para os seus dedos, e ela ergueu os olhos para reclamar com Sadie, mas descobriu que não era a rapariga de cabelos negros que o vertera, mas sim uma ruiva. Uma bonita rapariga com olhos oblongos e grandes, que tinham um ar inteligente e muito sabedor. Tinha um nariz curto, arrebitado na ponta; olhos castanhos e uma boca larga moldada por uma curva indolente. Os cabelos eram da cor do cobre, como folhas de outono, e longas madeixas suspendiam-se da sua touca. Interrompera o ato de verter o vinho, e permaneceu imóvel, olhando muito peculiarmente; o seu olhar parecia passar através de Rachel e pousar nalgum outro lugar ou tempo.

— Que se passa? — disse Rachel, de língua também solta pelo vinho que bebera. A empregada pestanejou; fechou a boca com um audível estalido dos dentes.

— Peço desculpa, m' nha senhora — disse ela, em voz baixa.

— Um pano, por favor, para limpar a mão. — Rachel estendeu a mão para o trapo que a rapariga trazia pendurado ao ombro.

— Eu tomo um pouco mais. — Richard empurrou o copo na direção da rapariga e ergueu os olhos. Também ele pareceu dar-se conta de que aquela não era a criada normal, mas não disse nada. Apenas observou a rapariga cautelosamente, e por um momento os três estiveram bloqueados numa imobilidade muda.

— O pano, por favor — disse Rachel novamente.

— Peço desculpa — repetiu a rapariga. Pousou o jarro com um baque, virou-se abruptamente e saiu do compartimento.

— Bem! Que bicho lhe mordeu, pergunto-me eu? — disse Rachel, mas Richard não lhe respondeu. Pegou no seu copo para beber, achou-o vazio e voltou a pousá-lo com irritação.

— Sadie! — gritou ele na direção da porta aberta, e, alguns momentos depois, Sadie reapareceu para levar o jarro de vinho. Rachel manteve-se atenta, mas a curiosa ruiva não voltou.

A CASA DE ABBEYGATE STREET ESTAVA NA ESCURIDÃO QUANDO ELES entraram. Richard acendeu uma única vela para os orientar nas escadas para o quarto de dormir, pelo que Rachel não poderia formar outra im-

pressão sobre a sua nova casa que não a de uma frialdade pegajosa no andar inferior; escadas de madeira, estreitas e rangentes, e um quarto de cima espaçoso, mas de teto baixo, com uma cama de cabeceira alta, amarrotada, no centro. O ar cheirava como se as janelas tivessem estado fechadas durante muito tempo; a cama como se os lençóis tivessem sido pouco mudados. *Tudo isto é apenas a falta do toque de uma mulher*, tranquilizou Rachel a si mesma. Richard colocou a vela sobre a sua base à cabeceira e foi perfilar-se do outro lado, aos pés da cama. Entrelaçou os dedos dela nos seus, cambaleando ligeiramente; ao brilho da vela, o seu rosto era suave e sorridente. O sorriso de Rachel era mais incerto, e desejou nesse momento ter bebido mais vinho ao jantar. Ela queria ter uma consciência plena desta noite, deste momento crucial da sua vida. Afinal, só existiam ela e Richard para a recordar, mas agora que a hora chegava, ela estava com receio e não sabia o que fazer, e desejava estar menos consciente. Richard beijou-a suavemente, abrindo-lhe a boca com a sua, e Rachel esperava sentir algo mais que não fosse o impulso para se esquivar do vinho que azedara no seu bafo, e do gosto da gordura do cordeiro nos seus lábios. *A mãe não amou o pai, a princípio. E o pai era um homem bom*. Os beijos de Richard tornaram-se mais rudes, e mais insistentes, e em breve estava a puxar-lhe as roupas.

— Rachel, minha doce esposa — murmurou ele, beijando-lhe o pescoço. Não sabendo bem como proceder, Rachel ergueu os braços e começou a desprender os cabelos, como faria normalmente antes de ir para a cama. Os ganchos tilintaram pelo chão quando Richard a desequilibrou e dobrou sobre a cama, ficando por cima dela.

Ela gostaria de ter tido mais tempo de tomar contacto com o corpo dele. As diferenças com o seu próprio corpo intrigavam-na — o peso dele, a largura dos ombros, a brancura da pele salpicada de sardas, que ela mal conseguia distinguir à luz da vela. Ele era tão sólido, tão quente. Enterrou os dedos na carne da parte superior dos seus braços, e imaginou ossos grossos e macios como os braços de uma cadeira de mogno. O peso dele comprimia-lhe o peito e dificultava-lhe a respiração. Gostaria de ver a coisa entre as pernas dele, para saber como se comportava, para a sentir com os dedos antes de tocar noutra sítio, mas não teve oportunidade. Sem fôlego e ainda murmurando entre dentes carinhos desarticulados, Richard forçou o caminho para dentro dela, lembrando-se de ser gentil demasiado tarde. Gemia ao mover-se, para trás e para a frente,

e Rachel agarrou-lhe firmemente os ombros, apertando os olhos com força pelo desconforto e a estranheza da sensação. *Ele é o meu marido. Isto é apropriado.* Ela estudou a sensação, que no final era meramente desconfortável, e tentou sentir-se satisfeita por aquele ser um dever cumprido, um marco alcançado. Um pacto selado, irrevogavelmente. *Agora sou dele,* pensou ela, e apenas então percebeu como era estranho e limitado o género de liberdade que o casamento poderia ser.

QUANDO O SOL ESTAVA BEM ALTO, NO SEGUNDO DIA, STARLING foi alimentada com um pequeno-almoço de papa de aveia com leite, adoçada com mel. Comeu até o estômago estar a ponto de rebentar. Lá fora, um Sol fraco e gelado iluminava o mundo. Os estorninhos tinham voado do castanheiro-da-índia e um pequeno bando de galinhas brancas pintalgadas arranhavam as patas no quintal. Tomaram o pequeno-almoço na cozinha, onde um lume recente crepitava no fogão, sentadas a uma mesa de carvalho esfregada e esburacada, em bancos que balouçavam sobre o chão irregular. Alice usava um vestido azul com uma grande gola bordada, um pouco puído nos punhos, mas ainda assim melhor do que qualquer coisa que Starling vira alguma vez de perto. A mulher mais velha, Bridget, vestia lã castanha, e um avental. Starling não conseguia perceber bem o laço entre as duas. Pareciam ser uma senhora jovem e a criada mais velha, mas, depois, nem sempre falavam uma com a outra dessa forma.

— Que idade tens, Starling? — perguntou-lhe Alice. Starling fitou-a, de olhos arregalados. Não sabia a resposta, pelo que permaneceu em silêncio.

— Ela não vai saber. Como poderia ela saber? De onde ela vem não festejam aniversários. O mais provável é a mãe dela tê-la parido no campo onde estava a trabalhar, e não tomou nota do dia nem do mês. Ou do ano — disse Bridget.

— Então agora a gente dela trabalha no campo? Bem, Starling, sê feliz. Apareceste no mundo de um dia para o outro. Ontem eras uma vadia e uma ladra, agora és filha de trabalhadores do campo — disse Alice, sorrindo. Tinha cabelo claro entrançado de cada um dos



lados de uma risca ao meio, e as tranças atadas na nuca. Starling achava-a irremediavelmente encantadora. Bridget resmungou de forma desgraciosa.

— Troce o que quiser. Tanto quanto sabe, esse seu novo cordeirinho de estimação poderia ser um enviado das fadas.

— Uma fada! Agradar-te-ia? — disse Alice a Starling. — Quando eu era uma menina pequena, deveria ter adorado ser uma fada!

— Pois bem. Vejo que não lhe arranco nada de sensato até esta novidade do animalzinho de estimação não se gastar — disse Bridget. Starling permaneceu silenciosa, mas escutava e observava Bridget atentamente. Enquanto a atenção das mulheres se concentrava noutro ponto, ela alcançou a colher do mel e colocou-a, a gotejar, na boca. O sabor explodiu-lhe na língua, doce, pesado e aromático.

— Oh! Animalzinho nojento! — gritou Bridget, estendendo a mão. A serrilha de madeira matraqueou nos dentes de Starling quando Bridget puxou a colher.

— Oh, deixa-a comer, Bridget! Não vês que está esfaimada? — disse Alice.

— Se ela vai ficar, tem de aprender a ser útil, e tem de aprender alguns modos, e não vai aprendê-los se lhe tolerar tudo, menina — declarou Bridget. — Criei-a bastante bem, não criei? E nunca lhe foi permitido chupar a colher do mel, Menina Alice. Não na minha cozinha.

— Nunca estive a morrer de fome, nem negligenciada como ela foi. Mas, muito bem, Bridget. — A sua voz adquiriu um tom adequadamente calmo. — Starling, deves pôr o mel na tua taça, se quiseres mais. — Starling espetou a sua língua pegajosa e lambeu um empastado de mel no queixo, e Alice desvaneceu-se numa gargalhada.

As duas mulheres instalaram uma banheira de latão diante do lume e encheram metade com água da bomba e a outra metade com água quente de uma enorme chaleira de cobre. Starling observou-as com curiosidade, e não fazia ideia do propósito da banheira até Alice arregaçar as mangas e lhe estender os braços. Starling foi até junto dela obedientemente, e apenas resistiu um bocadinho quando Alice começou a desapertar-lhe as roupas gastas e imundas. Ela entesou os braços para mostrar descontentamento quando o ar frio da cozinha lhe alcançou a pele.

— Oh, eu sei que isto parece estranho, pequena. Mas é absolutamente

necessário, e sentir-te-ás muito melhor sem toda essa fuligem na tua pele. Vi de imediato que havia três coisas de que precisavas: de dormir, do ambiente da cozinha e de um banho. Bem, já tivemos a primeira e a segunda, por isso agora vem o número três — disse ela. Starling enroscou-se e contorceu-se, fugindo. Nada de bom alguma vez lhe acontecera que começasse por lhe tirarem a roupa. — Para — disse Alice suavemente. Pôs uma mão de cada lado do rosto de Starling e olhou-a nos olhos. — Não vai doer e não te virá disto nenhum mal. Confias em mim? — Starling pensou durante um instante, depois acenou em assentimento. — Boa menina — disse Alice.

Alice despojou-a de todas as imundas peças de roupa. Bridget trouxe um pedaço de sabão e um pente, roupa interior e uma escova com cerdas de aspeto maligno. Starling mirou a escova com suspicácia. A sua roupa consistia num vestido de mangas compridas, que fora cosido a partir de um sortido de retalhos de pano e atado ao meio com um pedaço de cordão, depois duas camadas de peças de roupa de baixo de lã grosseira — meias que lhe chegavam ao joelho e uma túnica larga. Era tudo imundo e a tresandar, e tão manchado que a cor original fora praticamente esquecida. Havia piolhos em todas as bainhas e Alice esmagou com a unha uma pulga que aterrara no seu braço. As roupas velhas foram atiradas para o lume e as duas mulheres fitaram mudamente, por um minuto, o corpo nu de Starling.

— Que os santos nos defendam — murmurou Bridget, e, pela primeira vez, Starling viu piedade nos olhos da mulher mais velha. Olhavam para as cicatrizes e as nódoas negras que ela tinha pelo corpo todo. Alice estendeu suaves dedos e percorreu todo o comprimento de um ferimento, que deixara um vivo vergão vermelho desde o ossudo ombro esquerdo de Starling até ao fundo das costelas. De cenho franzido, Alice virou-a. As suas costas exibiam os rasgões em diagonal de ter sido espancada com uma bengala ou correia. Cicatrizes antigas por baixo de outras mais recentes, cruzando-se; uma teia de ferimentos que assombrariam a sua pele para sempre. A parte anterior das suas coxas tinha marcas que pareciam manchas, elevadas e brilhantes. — Isto são queimaduras, por certo — disse Bridget, e Starling sentiu os dedos rudes da mulher a examinarem-na. O toque fê-la estremecer, e todo o seu corpo ofendido ficou com pele de galinha.

Após um momento, Alice virou-a de modo a que ficasse de frente

para elas outra vez; havia lágrimas nos seus olhos, mas sorria. Bridget pôs um ar estrondosamente carrancudo e Starling retraiu-se.

— Bem — disse Alice, ofegante. — Aqui estás a salvo de quem te tratou deste modo, Starling. Quem quer que seja a tua gente, agora somos nós a tua gente. Não é verdade, Bridget? — Bridget mordeu o lábio inferior como se estivesse relutante para responder, mas depois disse:

— Nunca houve criança tão malvada que merecesse tais castigos. Tenho um bálsamo de rosas e maçã que ajudará a acalmar essas cicatrizes. Assim que ela esteja lavada. — Saiu da cozinha em direção à despensa, e Alice sorriu para Starling, limpando-lhe as lágrimas com a parte de trás da sua mão.

— Vês? Pronto. Bridget tem uma língua afiada e uns modos duros, mas por baixo de tudo isso tem um coração de manteiga, e bastante fácil de derreter. Entra lá.

A água da banheira em breve ficou escura com sujidade. Alice ensaboou-lhe o corpo todo e esfregou-a com as toalhas, ignorando a escova dura, para grande alívio de Starling. O cabelo foi o que levou mais tempo. Estava emaranhado, cheio de nós e fiapos soltos, empastado com lama e imundície. Havia cardos presos nele, e rebentos e pedaços de feno. Alice trabalhou nele com os dedos, ensaboou-o, penteou-o o mais suavemente que conseguiu, até por fim ficar limpo. Soltaram-se grandes tufo dele, que ficaram a flutuar na água de sabão, como aranhas. O Sol de inverno brilhou através da janela, e quando Bridget regressou à cozinha, parou.

— Que cor! Quem diria, debaixo de toda aquela porcaria?

— De que cor é? — perguntou Alice, empinando a cabeça nesta e naquela direção como se fosse para ver melhor.

— Quase da mesma cor daquela chaleira de cobre, e o seu fogo ainda está a assentar.

— Oh, que encantador! Ai de mim, aos meus olhos é apenas castanho — disse Alice. Starling ergueu a cabeça na direção de Alice, com curiosidade.

— Bem, ela parece agora muito mais uma menina, e um pouco menos um verme da terra — disse Bridget, acenando em aprovação.

À medida que secava, o cabelo de Starling cresceu em soltos caracóis que pareciam deliciar Alice ainda mais. Sentaram-se na sala de estar, uma sala maior como Starling nunca vira, embora o mobiliário fosse simples e desbotado, e o chão de pedra nua. Usava um vestido antigo de

Alice, que lhe estava demasiado grande e arrastava no chão por trás dela. As meias de lã eram igualmente demasiado grandes e caíam-lhe, amarfanhadas, em redor dos tornozelos. Os pés estavam enfiados em chinelos de couro, atados com cordel.

— E agora temos de novo um espantalho — disse Bridget, e Alice deu uma risada.

— Apenas por pouco tempo. Apenas até lhe podermos arranjar umas roupas. Iremos ao mercado na quinta-feira, e lá encontraremos alguma coisa. Bridget pode coser-te alguns vestidos, e quando fores maior, caberás lindamente nas minhas coisas antigas.

— Os vestidos que lhe deixaram de servir ficar-lhe-ão bons em devido tempo, mas são bons de mais para uma criada. Ela terá de ter outros.

— Uma criada? Starling não é uma criada. Ela agora é da minha família. Sempre quis ter uma irmãzinha — disse Alice, puxando-lhe os caracóis vermelhos para trás dos ombros, e alisando-os.

— Sua irmã? Ora, Alice... — começou Bridget a dizer, mas viu a expressão do rosto de Alice, e pareceu perder a coragem para a discussão. — Ela tem de aprender a ser útil. É essencial. Pode nem sempre ser capaz de a manter.

— Ela será útil! Claro que será. Ensinar-lhe-ei a ler e a escrever, e a ser uma senhora...

— E eu ensinar-lhe-ei a cozinhar e a limpar, e a ter um sustento. — A voz de Bridget era permeada por um humor seco, e Alice sorriu.

— Muito bem, então.

— Se ela for muda, as coisas serão mais complicadas — disse Bridget.

— Não, não é muda — disse Alice. Tomou-lhe o queixo na cova da mão e fitou-a. — O medo comeu-lhe a voz, é tudo. Voltará quando ela estiver preparada.

— Há outro problema, claro. Talvez o maior de todos, que ainda não foi considerado. — O coração de Starling caiu-lhe aos pés. Queria ficar. Ansiava por ficar. Alice olhou ansiosamente para Bridget, como se receasse o que ela iria dizer a seguir. — O seu benfeitor. Ele vem este sábado. E quem sabe quão feliz vai ficar ao descobrir que tem outra boca para alimentar? E nada menos do que uma boca de jovem miserável. — Alice respirou fundo, e Starling sentiu-se trespassada por um tremor. — Deve preparar-se para fazer o que ele disser — disse Bridget, mais

suavemente do que de costume. Alice pareceu subitamente tão triste que Starling sentiu uma pontada de desespero. Abriu a boca, mas um silvo de ar foi tudo o que lhe saiu. Engoliu, tossiu um pouco, e tentou de novo.

— Eu vou portar-me bem — disse ela, e Alice gritou de deleite.